

FORMAÇÃO E MANEJO DE CAPINEIRAS COMO ESTRATÉGIA PARA CONVIVÊNCIA COM A SECA NO SEMIÁRIDO

Suely de Lima Santos (1); Maelle Santos Araújo (1); Amanda Costa Campos (2); Jaddylyney Jammylo Figueiredo Serafim da Silva (1); Patrícia da Silva Costa (1)*

(1) Centro de Saúde e Tecnologia Rural – CSTR da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, suely126@hotmail.com, maellesupernatural@hotmail.com, pathy_16costa@hotmail.com, jaddylyney_jammylo@hotmail.com (2) Centro de Ciências Humanas e Agrárias – CCHA da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, amandacampos02@hotmail.com *Orientador

Introdução

No Brasil a produção animal de ruminantes, seja ela bovina, caprina, ovina, bubalina, entre outras, baseia-se em um modelo de criação de caráter extensivo, onde os animais são criados soltos, a pasto, recebendo ou não algum complemento à base de alimentação concentrada e também uma suplementação mineral para otimizar o desempenho do animal.

A cultura de criação varia bastante entre as regiões do país, porém no nordeste facilmente encontra-se criadores que não utilizam bem desse sistema extencionista, sendo comum um superpastejo com conseqüente degradação dos solos e das pastagens além de agravarem a susceptibilidade aos problemas ambientais devido a sazonalidade dos períodos chuvosos que em geral são curtos e em determinadas épocas, raros.

Segundo Vale e Azevedo (2013) as regiões semiáridas do nordeste apresentam baixos índices pluviométricos, elevados níveis de evapotranspiração e insolação, condições as quais podem ser desfavoráveis para criação de animais devido a falta de alimento durante o período seco. Sendo então comum que em período de estiagem, boa parte dos produtores não estejam munidos de reservas alimentícias para fornecerem aos seus animais, já que não destinaram parte de sua produção de forragens, durante a chuva, para ser conservada seja na forma de silagem e/ou feno, podendo garantir menores custos com alimentação na seca e a manutenção do rebanho.

Tendo em vista essa problemática de escassez de alimentos em períodos de estiagem, a solução então seria a produção específica de forragens para serem armazenadas e usadas quando necessário ou trabalhar com menores pressões de pastejo para que parte do alimento existente na área possa ser colhido e reservado à conservação. Portanto a forma de convivência com a seca deve ser adaptada a cada realidade de produtor e o seu interesse econômico, subsistência ou larga escala.

Uma prática comum e eficaz para produção de forragem é o uso da capineira para formação de volumosos que poderão ser cortados e fornecidos aos animais durante o ano ou destinada à estocagem. As capineiras, quando bem utilizadas e o capim cortado em épocas apropriadas, estabelecem recurso valioso, produzindo forragem de boa qualidade e alto desempenho, caracterizando-se por propiciar um volume alto de massa verde em pequeno espaço devido seu maior adensamento das plantas, com menores espaços entre linhas e entre plantas.

Contudo, está sujeita a uma série de fatores adversos provocados pelo manejo inadequado da mesma. Pois como utiliza em maior escala os componentes férteis do solo e nem sempre é dado um retorno ao mesmo pela ciclagem de nutrientes advindos dos restos da cultura ou devido a uma adubação inadequada ou até inexistente.

Portanto é fundamental o correto manejo da capineira, sendo necessário o conhecimento íntimo da variedade de gramínea que será eleita como cultura, exigência nutricional da planta, fertilidade do solo, espaçamentos corretos para plantio, necessidade de reposição de matéria orgânica e mineral do solo, intervalos de corte, entre outros.

Tendo em vista a necessidade de um maior conhecimento sobre a formação e manejo de capineiras, objetivou-se com este trabalho trazer informações mínimas necessárias para esta atividade.

Metodologia

Martins et al. (2004) comentam que na região semiárida existe um déficit grande na alimentação dos animais e que a principal alimentação são as pastagens predominantes da caatinga, sendo que as mesmas sobressaem às pastagens cultivadas em todos os estados, menos no norte Minas.

A baixa produção de alimentos e sua limitação durante o período de seca podem ser contornadas de diversas maneiras, segundo Alves et al. (2014) as práticas de manejo como utilização de sistemas silvipastoris, pastagens consorciadas, bancos de proteína e capineiras vem a auxiliar aos produtores com o aumento na produção de forragem, além do uso das técnicas de conservação como a fenação e a ensilagem.

A manipulação das espécies forrageiras devem permitir uma ótima produção do alimento e a eficiência do uso da forragem produzida, visando o ganho de peso animal, avanço na distribuição estacional de forragem, garantindo a disponibilidade da pastagem e taxa de lotação, onde a mesma pode ser definida pelo o número de animais pastejando uma unidade de área por um determinado período tempo (PAULINO e TEIXEIRA, 2009).

A capineira é uma forma de produção de forragem que segundo Moreira et al. (2014) caracteriza-se por ser uma pequena área cultivada com gramíneas de alta produtividade, que quando em seu ponto ótimo de produção e de valor nutritivo, deve ser feito o corte do material verde, picar e fornecer no cocho para os animais.

Para o estabelecimento de um sistema de produção intensivo de forragem como o conseguido nas capineiras, é necessária uma série de fatores que vão desde a escolha da variedade a ser cultivada até o seu manejo de corte para fornecimento aos animais e conservação de sua produção de matéria verde com a reposição da matéria fértil do solo.

Escolha da forrageira

Existem fatores que preconizam a escolha da espécie forrageira, de acordo com Evangelista (2000) são: o objetivo da pastagem para qual animal se destina, que categoria animal, forma de multiplicação da espécie, facilidade de germinação, resistência à seca, geada, pragas, doenças, pastejo e/ou corte.

Dentre os cultivares para tal atividade, destaca-se, segundo Soares (2008) o capim elefante (*Pennisetum purpureum* Schum) como a forrageira mais difundida, em função do seu elevado potencial forrageiro, aceitabilidade pelos animais e de fácil cultivo, proporcionando um incremento na produção agropecuária quando há um bom manejo da área.

Moreira (2014) aponta o capim elefante e a cana de açúcar como plantas mais difundidas por suas características de elevado potencial de produção, facilidade de multiplicação, alta aceitabilidade pelos animais, resistência a pragas e doenças e relativa resistência à seca.

Manejo de capineira de capim elefante: plantio, cortes e manutenção

Azevedo et al. (2006) recomendam o preparo do solo no final do período seco, através da limpeza da vegetação por aração e gradagem, só gradagem com nivelamento e quando necessário a destocagem da vegetação nativa, esta deve ser realizada previamente ao preparo do solo. O plantio deverá ser realizado após as primeiras chuvas, utilizando colmos (“tronco”, “estacas”) advindos de plantas matrizes com idade mínima entre 90 e 120 dias, garantindo maior eficácia de plantas pegas.

De acordo com Cóser (2006), o método de plantio a ser adotado dependerá da espécie que almeja trabalhar, dentre os métodos podem-se destacarem alguns como: covas, pestanas, lanços e sulcos, os mesmos podem ser recomendados dependendo da espécie, da tecnologia, mão-de-obra e da quantidade de sementes selecionadas.

O plantio das mudas, colmos sem folhas, pode ser feito utilizando-se de duas disposições das estacas, descrito por Azevedo et al. (2006) seleciona-se estacas contendo 3 a 4 nós, cada, plantando-se duas por cova (15 a 20 cm de profundidade) onde as estacas ficarão na posição vertical em relação ao solo, formando-se um “V” ou na horizontal, longitudinalmente ao solo utilizando-se estacas ou colmos inteiros colocados em valetas ou sulcos, de 10cm de profundidade, um após o outro distanciando 10 cm um do outro e com distancia de 1 metro entre sulcos.

Os espaçamentos utilizados para capineira com plantio de estacas na vertical pode variar de acordo com a densidade de plantas por hectare, Azevedo et al. (2006) propôs distribuição uniforme, de 1,00 ou 1,20 x 0,50 m, ou em linhas duplas, afastadas de 1,0 m, sendo o espaçamento nas linhas de 0,40 x 50 cm.

Segundo Alves et al. (2014) a capineira deve ser manejada objetivando a obtenção de altos rendimentos de forragem com bom valor nutritivo, melhor distribuição da produção ao longo do ano e a manutenção da condição de perenidade da capineira, sendo necessário algumas decisões com relação ao intervalo de corte, dosagens dos fertilizantes e irrigação para que esses objetivos sejam alcançados.

A adubação de pastagens com compostos nitrogenados é uma prática essencial quando se pretende alta produção de matéria seca, visto que o nitrogênio presente no solo, proveniente da mineralização da matéria orgânica derivada do complexo solo-planta-animal, não supre adequadamente as exigências de gramíneas de alta produção e assim não expressam seu potencial máximo (GUILHERME et al., 1995).

Para efeito de cálculo para a adubação nitrogenada um parâmetro que pode ser tomado por base é a quantidade de material removido na área cortada, assim para cada tonelada considera-se uma remoção de 3 a 4 kg de nitrogênio que deve ser repostado (WERNER, 1986).

Com relação a adubação orgânica, todo esterco deve ser levado para a capineira e distribuído de forma uniforme na área do capim recém-cortado. A quantidade a ser aplicada depende da disponibilidade na propriedade. Aplicações de 20-50 ton/ha/ano são comumente recomendadas (CÓSER, 2006).

A necessidade de calagem pode ser calculada por diversas formas quando se tem a análise do solo, enfocando a retirada do alumínio, a saturação por bases, ou os dois. O importante, segundo Monteiro (1994), é preconizar um valor de bases trocáveis de 60 %, no mínimo, para o bom estabelecimento. A calagem deve ser feita junto ao preparo do solo, com a antecedência de no mínimo 30 dias do plantio quando o solo estiver úmido e de até 90 dias quando o solo estiver seco, para que haja tempo do calcário reagir com o solo.

O tempo para o estabelecimento da capineira após o plantio é de 90 dias, e o intervalo entre cortes após o estabelecimento deve ser de 60 dias. O capim elefante deve ser cortado ao nível do solo ou até 10 cm acima. O corte pode ser manual, com o auxílio de uma foice, ou mecanizado (AZEVEDO et al., 2010).

As infestações por invasoras que ocorrem- com frequência em capineiras acarreta prejuízos aos produtores devido a competição por água, luz e nutrientes, reduzindo a produtividade e vida útil da capineira. A principal espécie invasora *Brachiaria decumbens*, possuindo boa adaptação a diversos tipos de solos, tolerância a altos níveis de alumínio, facilidade de propagação e germinação lenta e irregular das sementes, dando-lhes grande potencial de competição (SOARES, 2008).

Temos como forma de controle de plantas invasoras seja ela do gênero *Brachiaria* ou qualquer outro, o uso de roço manual ou mecânico e o uso de glifosato. Soares (2008) trabalhando com manejo de capineiras usando nitrogênio e glyphosate encontrou resposta positiva quanto a eficácia do consórcio de adubação com glifosato na redução da produção de matéria seca do capim braquiária, sugerindo a aplicação de glyphosate a cada dois anos para elevar a vida útil e a produção de forragem de boa qualidade. Os herbicidas permitem um efeito residual no solo e pode ser uma alternativa para reduzir a infestação de plantas daninhas na cultura implantada, proporcionando economia nos custos de controle de invasoras.

Conclusões

A capineira é uma prática de produção de forragens que se aplica bem a diversas regiões do país, inclusive no Nordeste, sendo uma alternativa viável para convivência com a escassez de alimento volumoso durante a seca, desde que seja manejada adequadamente. Essa técnica se adapta bem na região semiárida por sanar a falta de alimento no período de estiagem. Diante disso, a pastagem disponível para alimentação dos animais é produzida de forma natural, ou seja, no período chuvoso, enquanto que na seca a ração torna-se escassa, por isso o uso da capineira cultivada de maneira correta é de fundamental importância, possibilitando alimento durante a época de escassez hídrica.

Referências Bibliográficas

- ALVES, F. G. S.; FELIX, B. A.; PEIXOTO, M. S. M.; SANTOS, P. M.; COSTA, R. B.; SALES, R. O. Considerações sobre manejo de pastagens na região semiárida do Brasil: Uma Revisão. **Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal**, v. 8, n. 4, p. 259-284, 2014.
- AZEVEDO, G. P. C.; CAMARÃO, A. P.; VEIGA, J. B. da. Formação e utilização de capineira. In: VEIGA, J. B. da. **Sistemas de produção: criação de gado leiteiro na zona Bragantina**. Belém, PA, 2006. Cap. 9, p. 75-84.
- AZEVEDO, G. P. C.; GONÇALVES, C. A.; RODRIGUES FILHO, J. A.; CAMARÃO, A.P.; ANDRADE, A. P.; COSTA, R. G.; SANTOS, E. M.; SILVA, D. S. Produção animal no semiárido: o desafio de disponibilizar forragens, em quantidade e com qualidade, na estação seca. **Revista Tecnologia & Ciência Agropecuária**, v. 4, n. 4, p. 01-14, 2010.
- CÓSER, A. C. **Como manejar corretamente uma capineira**. Embrapa Gado de Leite, 2006.
- EVANGELISTA, A. R. **Formação e manejo de pastagens tropicais**, UFLA, Lavras- MG, p. 5-45, 2000. Disponível em <

http://www.fcav.unesp.br/Home/departamentos/zootecnia/ANACLAUDIARUGGIERI/fomacao_manejo.pdf> Acesso em 20 de out. de 2015.

- MARTINS, C. E.; CÓSER, A. C.; DERESZ, F. **Formação e utilização de pastagem manejada em sistemas intensivos de produção de leite.** Juiz de Fora: Embrapa, 2004. 10 p. (Circular Técnica. 79). Disponível em: < <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/65261/1/CT-79-Form-pastagem-sist-prod-leite.pdf>>. Acesso em 12 de out. 2016.
- GUILHERME, L. R. G.; VALE, F. R.; GUEDES, G. A. A. **Fertilidade do solo: dinâmica e disponibilidade de nutrientes.** Lavras: Escola Superior de Agricultura de Lavras, 1995. 171 p.
- MOREIRA, A. L.; YOSHIHARA, E.; AGUIAR, R. R. Planejamento forrageiro: técnicas para aumento da produção ovina. **Pesquisa & Tecnologia**, vol. 11, n. 2, 2014.
- MONTEIRO F. A. Adubação para o estabelecimento e manutenção de capim elefante. In: CARVALHO, L. A.; CARVALHO, M. M.; MARTINS, C. E.; VILELA, D. Capim elefante: Produção e utilização. Coronel Pacheco EMBRAPA-Gado de Leite, 1994, p.49-79.
- PAULINO, V. T.; TEIXEIRA, E. M. L. Sustentabilidade de pastagens – manejo adequado como medida redutora da emissão de gases de efeito estufa. **CPG - Produção animal sustentável, Ecologia de Pastagens, IZ, APTA/SAA**, 2009.
- SOARES, L. Q. **Manejo de capineiras usando nitrogênio e glyphosate.** 2008. 90 p. Dissertação (Mestrado em Zootecnia). Universidade Federal de Lavras, Lavras.
- VALE, M. B.; AZEVEDO, P. V. Avaliação da produtividade e qualidade do capim elefante e do sorgo irrigados com água do lençol freático e do rejeito do dessalinizador. **Holos**, v. 3, p. 181-195, 2013.
- WERNER, J. C. **Adubação de pastagens.** Nova Odessa: Instituto de Zootecnia, 1986. 49 p. (Boletim Técnico. 18). Disponível em: <<http://www.sidalc.net/cgi-bin/wxis.exe/?IsisScript=catalco.xis&method=post&formato=2&cantidad=1&expresion=mfn=035048>>. Acesso em 12 de out. 2016.